

# Fotojornalismo e perícia criminal

## As identidades na produção de fotografias de cena de crime

**LAURA PATRÍCIO MACEDO**

*Programa de Pós-graduação em Comunicação  
Universidade de Brasília (UnB)  
lauramacedo@gmail.com  
ORCID /0000-0001-7813-2597*



fotojornalismo e a perícia criminal são dois campos profissionais responsáveis pela cobertura fotográfica de crimes de homicídio. Atuando lado a lado, esses atores buscam registrar o acontecimento em enquadramentos que satisfaçam seus pares e os públicos de suas produções. Este estudo se propõe a investigar a identidade profissional destes dois grupos com o objetivo de compreender como as práticas e experiências profissionais resultam em representações diversas de um mesmo evento. E, assim, perceber de que forma os episódios de violência urbana ocorridos no Distrito Federal, capital do Brasil, vêm sendo construídos imageticamente e expostos nos jornais locais de grande circulação.

Através da comparação entre os dois meios, o estudo coloca questões relacionadas a valores pertencentes a ambos os grupos investigados e como os ideais são vivenciados e reivindicados em cada espaço. A objetividade, por exemplo, está presente tanto na ideologia da perícia forense, em detrimento da subjetividade (Freese e Peterson, 2015), quanto no jornalismo, como garantia de credibilidade e imparcialidade (Deuze, 2005). Perceber como um mesmo valor profissional aparece no discurso de fotojornalistas e peritos criminais, que possuem públicos, produções e objetivos diferentes, é uma forma de acessar a autonomia e as formas de agir desses profissionais, além de acessar como eles vêm negociando os preceitos de cada profissão a partir das demandas a que estão submetidos em seus cotidianos de atuação.

### Pour citer cet article

### Référence électronique

Laura Patrício Macedo, « Fotojornalismo e perícia criminal: As identidades na produção de fotografias de cena de crime », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne], Vol 14, n°1 - 2025, 15 juin - june 15 - 15 de junho.

URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v14.n1.2025.587>



O estudo coloca, ainda, questões relacionadas à percepção da realidade envolvida em um crime. Especialmente nos jornais, uma vez que os laudos periciais têm acesso restrito, as fotografias podem ser alvo de críticas devido ao seu conteúdo sensível. Sobre o tema, busca-se entender quais as motivações, as interações e as práticas que levam os fotojornalistas a produzirem representações específicas de cenas de violência, pautando a noção de segurança pública da maior parte do público brasileiro, para quem “a realidade produzida pelas imagens e narrativas midiáticas é uma fonte crucial de constituição de mundo” (Jaguaribe, 2007, p.112).

As questões explicitam que não existe uma forma mais correta - mais objetiva ou mais real - de se fotografar um caso de assassinato. Como pontua Becker (2009), cada grupo possui convenções próprias ao seu meio, para o qual as produções de seus participantes devem ser boas o suficiente. O objetivo deste trabalho, portanto, é perceber o que é adequado e aceito dentro de cada grupo, através das seguintes perguntas de pesquisa:

- Como as identidades profissionais dos fotojornalistas e fotógrafos forenses podem ser percebidas a partir dos seus discursos?
- Quais são as convenções compartilhadas no campo do fotojornalismo e da fotografia forense?

Através de entrevistas com seis profissionais, buscou-se responder às perguntas de pesquisa, investigando as escolhas pessoais que os levaram a ingressar no mundo da perícia, uma carreira pública no contexto brasileiro, e do fotojornalismo, percebendo como ambos os grupos desenvolvem vínculos com suas práticas, que foram analisados como uma forma de lidar com os desgastes envolvidos em suas funções (Henion, 2004). As formas de socialização no trabalho foram também exploradas para compreender como se deu parte do processo de se tornarem participantes dos seus meios, ou seja, se familiarizar com as convenções compartilhadas. As rotinas de atuação e o grau de autonomia dos entrevistados com relação aos seus superiores foram investigados para conhecer as formas de agir e a liberdade percebida para inovar dentro de cada grupo. Por fim, fotografias foram apresentadas aos entrevistados como forma de alinhar os discursos às suas produções.

Ao investigar os contextos de atuação da perícia criminal e do fotojornalismo, o estudo contribui com a produção e coleta de discursos acerca de ambos os campos profissionais, em um contexto local de cobertura de eventos policiais. O fotojornalismo, particularmente, é um meio que vem sofrendo mudanças signifi-

cativas desde a popularização da fotografia digital e a conseqüente diminuição de suas equipes nos jornais (Fontcuberta, 2011). Acessar como é a realidade da profissão em jornais de uma capital brasileira, se mostra um campo fértil para conhecer as configurações locais atuais do cargo e as formas com que esses profissionais estão atribuindo sentido às suas escolhas de carreira e ao trabalho que realizam, em um momento global de precarização do trabalho.

---

## METODOLOGIA

---

A entrevista foi o método de coleta escolhido para a investigação das identidades dos fotojornalistas e peritos criminais, responsáveis pelo registro fotográfico de cenas de crime. Segundo Broustau et al. (2012), as entrevistas individuais permitem a geração de dados a partir de experiências e visões de mundo declaradas pelo entrevistado, se mostrando um método adequado à construção de um perfil profissional de cada meio, uma vez que “a fala dos jornalistas é, como a de outros profissionais, ao mesmo tempo uma produção coletiva, um traço da história do grupo e uma expressão de uma individualidade” (p. 16).

O formato de entrevista escolhido foi o semiestruturado, que é constituído tanto por perguntas abertas como fechadas, permitindo que o entrevistado fale livremente sobre os temas propostos, mas também possibilitando ao entrevistador interromper ou redirecionar o rumo das falas para um resultado desejado (Boni e Quaresma, 2005). A amostra reduzida de entrevistados apresenta limites à interpretação e generalização dos dados, no entanto, além de representar um nicho restrito a atuações dentro do Distrito Federal, as análises foram pautadas também pelas fotografias de cena de crime, aproximando-as do discurso apresentado nos meios em que são utilizadas e onde adquirem sentido (Becker, 2009).

O *corpus* contendo fotografias de três feminicídios ocorridos na capital, previamente formado para um estudo de análise de imagem, foi utilizado para nortear a escolha de candidatos (Cf. Macedo, 2022). As fotografias do *corpus*, coletadas de reportagens policiais e de laudos periciais, tiveram então seus autores convidados a participar das entrevistas. Apenas dois deles aceitaram, um fotojornalista e uma perita criminal, e estes então forneceram o contato de outros profissionais, que concordaram em participar do projeto. Um roteiro semelhante de entrevista foi elaborado para ambas as categorias, composto por perguntas fechadas acerca da formação e tempo de trabalho de cada profissional, seguido por perguntas mais abertas com relação às experiências compartilhadas e ao registro fotográfico em seus meios de atuação. Os encontros ocorreram em agosto de 2022. Os peritos criminais

Quadro 1: *Fotógrafos forenses entrevistados*

Entrevistado	Idade	Graduação	Local de trabalho	Tempo de atuação	Data da entrevista
PC1	44	odontologia	PCDF	9 anos	05/08/2022
PC2	35	engenharia	PCDF	9 anos	10/08/2022
PC3	36	odontologia	PCDF	9 anos	10/08/2022

Quadro 2: *Fotojornalistas entrevistados*

Entrevistado	Idade	Graduação	Local de trabalho	Tempo de atuação	Data da entrevista
FJ1	31	(prática)	<i>Metrópoles</i>	2 anos	01/08/2022
FJ2	35	jornalismo	<i>Metrópoles</i>	13 anos	12/08/2022
FJ3	48	jornalismo	<i>Correio Braziliense</i>	18 anos	22/08/2022

foram entrevistados em seus locais de trabalho, pois alegaram falta de tempo, e os três fotojornalistas foram entrevistados em dois parques e um café, uma vez que se mostraram mais disponíveis e colaborativos. As falas foram gravadas em formato de áudio, como forma de capturar as nuances presentes durante o diálogo, como pausas, suspiros e hesitações, além da entonação e o registro preciso das palavras utilizadas pelo entrevistado (Belei et al., 2008).

As análises estão dispostas separadamente, tendo início pelos dados coletados dos peritos criminais (que atuam como fotógrafos forenses), identificados como PC1, PC2 e PC3 (Quadro 1), e em seguida, dos fotojornalistas, identificados como FJ1, FJ2 e FJ3 (Quadro 2).

As gravações, que tiveram uma duração média de uma hora, foram integralmente transcritas e tiveram seus dados tratados por meio de indução analítica (IA), método que permite a percepção de categorias de investigação a serem incluídas ou excluídas da pesquisa, no decorrer do processo de coleta e análise de dados (Becker, 2008). Para o estudo, foram selecionadas três categorias analíticas. Inicialmente, a trajetória profissional e o vínculo com o trabalho foram utilizados para compreender os fatores envolvidos no ingresso e nas escolhas ao longo da carreira dos indivíduos, assim como o gosto que desenvolveram com as particularidades dos cargos, ressignificando suas motivações iniciais. As práticas compõem a segunda categoria analisada, onde são mapeadas as rotinas de trabalho externo desses profissionais e a relação que possuem com o tempo de produção em seus meios, principalmente no jornalismo, em que a instantaneidade e o fluxo contínuo de notícias são vistos como “características principais dessa atividade” (Le Cam e Pereira,

2022, p. 69). Por último, a gestão das interações que os entrevistados desenvolvem com seus pares, outros profissionais e cidadãos, traz informações sobre as dificuldades e colaborações percebidas pelos fotojornalistas e peritos criminais, além das injunções a que estão submetidos em suas rotinas de atuação e como lidam com elas, gerenciando fontes de estresse laboral.

---

## FOTÓGRAFO FORENSE

---

### Trajetória profissional e vínculo com o trabalho

Os três entrevistados, graduados em áreas que não chegaram a atuar, demonstraram constrangimento ao declarar que não entraram na carreira pericial da polícia por interesse ou identificação com o trabalho, inclusive confessaram desconhecer as funções do cargo à época de suas inscrições no concurso<sup>1</sup>, “sabia nem que existia” (PC2). Para PC3, “a questão foi mais financeira”, enquanto os outros dois entrevistados citaram questões pessoais, como a possibilidade de voltar a morar em Brasília. Após frequentar cerca de três meses, em tempo integral, de um curso de formação da polícia civil, os três entrevistados foram lotados na seção de perícias externas assim que tomaram posse, onde permaneceram por um período de cinco a sete anos. A seção conhecida informalmente como Morte Violenta (MV), é responsável pelo exame pericial de locais de crime contra a vida, que são aqueles relacionados a estupros, homicídios, latrocínios e outros que envolvem agressão contra a pessoa. Os dois peritos demonstraram ter ido em busca de ação no início da carreira, “por ser mais próximo de rua [...] mais dinâmico”, explicou PC3. Embora tenham gostado muito da escolha, um deles reconhece que “no

finalzinho, o prazo já tinha vencido, do ponto de vista físico e emocional” (PC2). PC1 relatou problemas físicos e psicológicos desenvolvidos durante os anos em que esteve lotada na seção, no entanto reconhece a importância da experiência para a sua formação como perita criminal.

Segundo os entrevistados, o treinamento para o trabalho na MV se dá em conjunto com peritos mais experientes, de forma que nos primeiros plantões, o novo servidor participa apenas como observador, vivenciando todo o procedimento realizado por seus pares nos exames de local. O processo de aprendizagem se dá como uma espécie de imersão nesse meio de produção e garante a socialização às práticas e ideologias profissionais, além de deixar pouco espaço para improvisações. Como consequência, os peritos – antigos e novos - passam a agir e interpretar os exames de uma maneira muito semelhante, mobilizando um conjunto de saberes que permite que os participantes se comuniquem de forma eficiente, produzindo e interpretando informações facilmente entre si. No entanto, a comunicação se fecha em termos e protocolos específicos do meio, tornando as produções pouco acessíveis a pessoas de fora.

O trabalho nas ruas exige que os peritos estejam sempre em alerta. Como menciona PC2, “você tem que tar ali ligado, com um nível de concentração muito alto. Além disso tem o fator emocional, você ir pra um local de suicídio, tem o fator família, a carga já é mais pesada, você sente que somatiza”, afirma o perito, demonstrando que a rotina, muitas vezes, exige força física e estrutura emocional do servidor. PC3 comenta que “a MV não é para qualquer um” e que “99% [dos servidores] não tem perfil operacional”. Juntas, as falas parecem reivindicar uma diferenciação entre aqueles que conseguem atuar na função e aqueles que não têm estrutura para isso, posicionando os primeiros como mais capazes e, portanto, aptos a integrar um grupo de elite.

Os entrevistados relataram pouco interesse por fotografias: “foto não é minha praia” (PC3), “é uma ferramenta de trabalho. Nada contra, mas nada que ‘nossa, gostei muito’” (PC2). No entanto, demonstraram empolgação ao descrever o que determinadas fotografias podem informar ao espectador, como o trajeto de um projétil ou a dinâmica de um homicídio, momento em que PC2 abriu o computador para buscar imagens de sua autoria, das quais se orgulhava. As fotografias capazes de revelar vestígios invisíveis ao olho humano também foram exaltadas pelos profissionais. Os relatos sugerem a construção de um gosto – no sentido definido por Hennion (2004) – construído ao longo das práticas profissionais e que permite, em algum momento, rever parte das motivações iniciais dessa carreira.

## Práticas

A rotina de um perito criminal lotado na seção Morte Violenta funciona em plantões de 12 horas, em que o servidor fica à disposição para atender ocorrências de crimes contra a vida. A equipe de perícia do plantão possui dois peritos criminais, um fica responsável pelo exame de local e a produção do laudo, e o segundo, pelos registros fotográficos. No momento de registrar o corpo, inverte-se a função, o segundo perito assume os exames no cadáver, e seu colega assume as fotografias. A atuação em dupla reforça o alinhamento entre as produções, uma vez que os resultados devem satisfazer a ambos, que assinam o laudo em conjunto. Os laudos possuem uma estrutura pré-definida e norteiam a produção de imagens, como descreve PC2, “você vai aprendendo as fotos que são essenciais à medida que você vai fazendo os laudos: ‘nossa essa foto ficou boa’ ou ‘nossa, ficou faltando esse tipo de foto’, aí no próximo local você já faz. (PC2)” e, assim, os peritos vão “aprendendo a fotografar” (PC3).

Em dois momentos, os informantes citaram intervenções superiores como fonte de estresse em seus trabalhos. PC2 relembrou um dia de plantão em que, durante o atendimento de uma ocorrência, recebeu um pedido urgente de perícia em um local a 70km de onde estava. A equipe se deslocou e retornou horas depois, exausta e desmotivada, para terminar os exames que haviam interrompido. Já PC1, relatou sobre o longo período em que foi obrigado a permanecer na seção onde não se sentia mais capaz de atuar, enfrentando adoecimento físico e psiquiátrico. Os episódios demonstram uma propensão dos servidores a seguir ordens sem questionamentos, mesmo que as percebam como prejudiciais a si ou ao desempenho de suas funções.

Questionado sobre o que seria uma foto boa, um entrevistado cita um enquadramento apelidado com o nome de um perito antigo, “foto Cafu”, “que é o cadáver em decúbito ventral e dorsal” (PC3). “Você tenta chapar essa foto quase que aérea, com o menos de distorção possível, como se fosse uma foto de drone”, explica PC2. A utilidade da foto seria garantir respostas para “qualquer tipo de questionamento [...] porque ela é geral, ela pega tudo” (PC3). A prática alinha as tomadas altas dos profissionais com o olhar superior, descrito por Jaguaribe (2007), que tudo vê e de tudo dispõe, explicitando um desejo de transformar a cena de crime em um ambiente controlado, um objeto de análise mais adequado à investigação científica. Como foi observado por Bechky (2021), os peritos criminais transitam entre diferentes mundos, lidando com as expectativas do sistema judiciário e da população, a quem buscam produzir respostas, ao mesmo tempo em que procuram se manter fiéis aos ideais da pesquisa científica.

## Gestão de interações

Os peritos afirmaram ter uma boa relação profissional com seus pares, com quem trocam experiências e opiniões sobre os casos em que trabalham, alinhando condutas e métodos de análise. PC1 disse tentar facilitar ao máximo o trabalho do seu colega, produzindo fotos que serão úteis ao seu parceiro de equipe. O contato com a imprensa em locais de crime foi mencionado como uma interação sempre tensa, pois os peritos criminais se preocupam com a própria imagem que irá aparecer nos jornais e também com a exposição das vítimas. Lidar com os sentimentos dos familiares das vítimas é uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos profissionais, como comenta uma entrevistada, “esse que é o lado complicado da MV, pra mim, não era o cadáver em si, era a família. Aquilo me desestruturava, ver um pai, uma mãe gritar, chorar” (PC1). Ao contrário da postura mais rígida que adotam no contato com a imprensa, os peritos dizem se compadecer dos sentimentos de perda e explicar aos familiares o que será feito no local e qual a importância daquele trabalho para que a investigação seja concluída. A população presente no local é outra fonte de ameaça ao isolamento e à preservação da cena, como relata PC3, que já deu voz de prisão a uma pessoa que insistia em invadir a área isolada. A atitude, no entanto, levou o perito a exceder as horas de plantão, ao ter de acompanhar os procedimentos da prisão na delegacia. Após essa experiência, o perito afirma ter adotado uma postura mais flexível, comentando “você tem que dar uma amaciada, se você for muito na lei, você acaba tendo mais problema” (PC3).

---

### FOTOJORNALISTA

---

#### Trajетória profissional e vínculo com o trabalho

O perfil dos fotojornalistas indica um forte envolvimento pessoal com a prática da fotografia, que pautou suas escolhas na vida profissional. Como relata FJ1, seu interesse em fotografar se iniciou ainda na adolescência, quando comprou uma câmera fotográfica e passou a estudar o seu funcionamento e registrar eventos por conta própria. FJ3 também trabalhava com fotografia desde cedo, como diz “eu sempre gostei de fotografar”, até que decidiu cursar jornalismo. Já FJ2 afirma ter se interessado por fotografia apenas durante o curso de jornalismo, quando percebeu que era possível apurar e contar histórias inteiras através de imagens.

FJ1, que não possui graduação, diz que “na real, jornalismo eu fiz no *Metrópolis* mesmo”, se referindo ao primeiro portal de notícias em que atuou como fotojornalista. Após dois anos de trabalho, a empresa encerrou seu contrato e iniciou uma relação de prestação de serviços pontuais, em que o profissional atua

até hoje, sem vínculo empregatício. FJ3 iniciou sua carreira como autônomo no *Jornal de Brasília*, de onde seguiu para o *Tribuna do Brasil* e, por fim, para o jornal *Correio Braziliense*, onde foi contratado um ano após a prestação de serviços como autônomo. FJ3 não enxerga de forma positiva o futuro da profissão, como comenta sobre os planos de carreira que fez no início da sua trajetória profissional:

Minha vontade era sempre ter trabalhado aqui, pra ir pra Folha, pro Estadão, essa é a escada que eu quero subir. Mas só que não tem mais vaga. Acabou. Eu tô sendo meio pessimista? Eu não posso ser falso, eu tenho que ser realista. No Estadão, O Globo e Folha [...] hoje só tem um [fotojornalista] em cada, [que] cobre tudo, os caras deixam a desejar. (FJ3)

FJ2 também iniciou sua carreira trabalhando como autônoma no *Jornal de Brasília*, de onde saiu para integrar o expediente do portal *Metrópolis*, onde trabalha até hoje. A fotojornalista considera bastante relevante o trabalho que faz e não mencionou planos de mudança de carreira ou de veículo em que trabalha. A entrevistada afirma que o trabalho com fotografia não traz um bom retorno financeiro, atribuindo a escolha pela profissão a uma realização pessoal mais do que a uma compensação salarial. No mesmo sentido, FJ3 relata que costuma trabalhar sem receber, quando viaja para cobrir corridas de Fórmula 1 ou jogos esportivos por conta própria, apenas porque a atividade lhe dá prazer.

A trajetória dos fotojornalistas entrevistados apresentou pouca mobilidade, principalmente a partir do momento em que são contratados por um veículo de grande porte, como o *Metrópolis* e o *Correio Braziliense*. Os três afirmaram que, embora considerem a cobertura de cenas de crime uma tarefa emocionalmente desgastante, gostam da diversidade de assuntos que atendem na editoria de Cidades, onde têm um contato superficial com uma grande variedade de assuntos.

Dois entrevistados se inseriram no fotojornalismo como estagiários e descreveram o período de forma tranquila, embora FJ2 tenha relatado sentimento de insegurança ao atuar em manifestações, no início da carreira. FJ1 relatou uma entrada mais abrupta no meio, quando foi enviado para registrar um caso de feminicídio, no primeiro dia em que assumiu a função. Muito apreensivo sobre o que deveria fotografar, FJ1 conta que o motorista da equipe o tranquilizou, sugerindo como agir e como enquadrar detalhes menos explícitos do crime. Os entrevistados relataram trocar bastante informação com outros fotojornalistas, com quem se sentem próximos e protegidos. Buscaram reivindicar uma postura profissional ética, julgando os pares que agem diferente do aceito no meio, como comenta FJ2 sobre um fotojornalista que abordou um

manifestante para obter uma foto mais interessante: “quando você vê o coleguinha, você ‘ih... esse aí... sei não’. É aquele julgamento ético: isso é fotojornalismo?” (FJ2).

A rotina do fotojornalista pode ser hostil aos profissionais que devem transportar equipamentos pesados ao longo das atividades diárias de atuação externa. Também enfrentam bloqueios de acesso com frequência, além de agressões físicas e verbais em coberturas de eventos (Sommerstein, 2018). Nesse contexto de condições insalubres, os salários não parecem justificar a escolha por uma profissão cujo retorno financeiro não empolga os entrevistados. A paixão pela fotografia aparece, então, como o fator principal pela escolha da carreira desses profissionais, que relatam fotografar em seu tempo livre para treinar, testar equipamentos novos, espairar, conhecer lugares ou socializar com amigos que também gostam de fotografia. Os discursos demonstram que a prática faz parte de suas vidas e da forma com que interagem com o mundo.

### Práticas

FJ1 relatou viver a profissão 24h por dia, sempre atento a um acontecimento que venha a presenciar ou à oportunidade de uma fotografia que possa vir a ser útil ao jornal no futuro. O fotojornalista traz experiências da atuação em um jornal *on-line* e se alinha aos achados de Le Cam e Pereira (2022), acerca da temporalidade da vida profissional no jornalismo, que leva alguns profissionais a estarem sempre conectados no trabalho, mesmo nos horários de folga, se atualizando e se adiantando às notícias. Embora exista uma percepção de produção constante, os entrevistados descreveram um expediente de trabalho fixo, que se inicia às 7h da manhã e termina, quase sempre, às 15h, uma vez que as surpresas são mais raras do que uma rotina pré-estabelecida de cobertura de eventos. Como afirma FJ2, o fotojornalista trabalha de forma semelhante a qualquer outro jornalista: “a gente conversa, a gente apura, a gente analisa pesquisa, a gente pauta”. Já os outros dois entrevistados defendem uma rotina restrita ao ato fotográfico e reclamam das ocasiões em que são solicitados a fazer o trabalho de pesquisa de campo, que entendem ser uma responsabilidade do repórter. A reclamação evidencia dois fatores de preocupação na profissão, o acúmulo de funções em um funcionário, que já se tornou responsável por boa parte da seleção e edição de imagens (Láb e Stefaniková, 2017; Nilson, 2017) e às agressões a que estão sujeitos em um trabalho externo (Sommerstein, 2018). Um entrevistado menciona já haver coberto pautas sozinho e percebe que outros veículos fazem o mesmo, prevendo, assim, um futuro em que o fotojornalista “vai ter que fazer vídeo, vai ter que fazer foto e vai ter que escrever” (FJ1); outro questiona, “como é que eu vou apurar, escrever

e fotografar?” (FJ3). Com relação à segurança, os dois entrevistados mais novos relataram episódios em que foram ameaçados, xingados e agredidos na cobertura de eventos. Porém, os três relataram entender que esse embate faz parte da profissão e explicam que nem sempre são bem-vistos pela população: “[para as pessoas] a imprensa é sempre inimiga de todo mundo, de todos” (FJ2).

Ao contrário dos peritos criminais, os fotojornalistas se mostraram mais flexíveis no atendimento às demandas dos seus superiores, ao lidar com situações em que seus editores fazem pedidos dos quais discordam. Um entrevistado afirma que “se o jornal me pedir uma coisa dessas [enviar foto de cadáver], eu me recuso” (FJ2), enquanto outro descreve a pressão do jornal, que ao telefone pede “foto do corpo, cadê?”, e ele opta por atender a exigência em parte, como explica: “Fotografei detalhes, peguei um ângulo pegando só os pés” (FJ1), mesmo que tivesse, na ocasião, acesso livre ao corpo. Em outro relato, FJ3 descreve o velório de uma criança, do qual os fotojornalistas estavam sendo cobrados por fotografias que consideravam uma agressão aos familiares. Optaram, portanto, por sustentar aos seus respectivos jornais que o acesso não lhes havia sido permitido e não realizaram as fotos. Os relatos apontam para uma autonomia maior e uma capacidade de negociação diante das chefias. Isso se traduz na possibilidade de tomarem decisões próprias nos ambientes externos de trabalho, onde atuam longe da visão dos seus superiores, sendo capazes de diminuir a pressão do trabalho ao contornar as exigências que não estão de acordo com suas crenças pessoais ou profissionais.

Os três entrevistados afirmaram não alterar suas imagens, apenas realizar pequenas intervenções digitais, cortes ou aumento de brilho e contraste. Segundo os entrevistados, a edição deve ser realizada antes da fotografia, como argumenta a fotojornalista:

a grande edição que a gente faz é na escolha do que a gente vai fotografar. Tipo, por que essa foto não é de lá pra cá? Porque o fotógrafo escolheu fazer aqui. Eu acho que essa primeira edição, a gente que está na rua, que faz. Porque ele podia ter escolhido não mostrar as pessoas. Podia, mas é relevante? É. Faz parte de contar a história. Essa pra mim é a grande edição do fotojornalista. (FJ2)

Na entrevista, FJ1 descreve uma de suas fotos favoritas, que realizou no início da carreira, referente a um feminicídio em que a vítima foi sequestrada em uma caminhonete e teve seu corpo abandonado na beira de uma estrada. Segundo o informante, a imagem representava “a marca da mão na janela, mostrando o desespero da mulher de sair” e “transmite totalmente o

que pode ter acontecido no carro, o desespero que foi da pessoa”. Assim, o fotojornalista explica a importância que dá a “esses detalhes que podem mostrar, pra você sentir o que pode ter acontecido com a pessoa, [pra] você se sentir na história”. O discurso do profissional é condizente com os elementos valorizados na “hierarquia das emoções” (Kobré, 1999), que “levam o espectador a sentir algo sobre o assunto, não apenas intelectualizar sobre a história” (p. 18).

Os três fotojornalistas mencionaram o imediatismo das notícias como uma convenção importante de suas práticas, principalmente no *Metrópoles*, que, “como é um jornal *on-line*, tem que ter uma certa velocidade do imediatismo”, explica FJ2. Sobre o tempo em que trabalhou para o mesmo portal de notícias, FJ1 citou as cobranças que recebia quando estava na rua, “tem lugar que nem cheguei, ‘Cadê foto?’”, “já tem cinco minutos que você tá aí, cadê foto?” ou “o concorrente já publicou foto há cinco minutos”. Em contrapartida, FJ3 diz que, para o jornal impresso em que trabalha, produz fotografias com mais tranquilidade, aguardando o melhor momento de registro e deixando para visualizar e selecionar as imagens na redação, em um computador. Para os jornais *on-line*, a dinâmica de enviar material diretamente do local de cobertura do evento, contribui para a grande quantidade de fotografias encontradas no *site*, que vai somando as atualizações enviadas pelo fotógrafo. O grande número de imagens gera aumento nas visualizações do portal, contabilizadas a partir de cada nova fotografia exibida em sua galeria. A prática reflete uma demanda criada pela tendência do público em buscar informações a todo instante e aparece como uma forma eficiente de produção ao desmembrar o evento em diversos momentos, gerando uma maior quantidade de cliques e acessos. Nesse contexto de oferta e procura de dados a serem consumidos, o fotojornalista se torna um ator importante no fornecimento de material aos *sites* de notícias.

### Gestão de interações

Os fotojornalistas mencionaram uma relação pouco amistosa com repórteres, dos quais reclamaram por não acompanhar a equipe na cobertura de eventos ou apressar o trabalho dos fotógrafos. FJ3 comenta que se sente indignado “porque [eles] não gostam de sair, não fazem mais nada” e diz que que, atualmente, “há uma geração muito preguiçosa de repórter, homem, mulher, independente”. Já FJ1, percebe alguns repórteres que não dão valor ao fotojornalismo e se tornam impacientes quando terminam sua parte do trabalho, dizendo “cara, chega de foto, já vou usar uma e tal” (FJ1). As interações descritas explicitam uma divisão de trabalho no jornalismo em que o fotojornalista, por vezes, se sente tratado como um assistente de repórteres na redação que se portam como superiores hierárquicos, fazendo demandas e decidindo pela equipe.

FJ2 reconhece que tem de explicar suas competências de jornalista “até para os colegas da redação” (FJ2), demonstrando uma necessidade de posicionamento dessa profissional, em seu ambiente de trabalho. Em contrapartida, os entrevistados citaram os fotojornalistas, dos seus e de outros veículos, como seus reais parceiros de trabalho, que atuam lado a lado na cobertura de notícias e estão dispostos a defendê-los e apoiá-los, demonstrando grande união dentro da categoria. A relação faz sentido dentro de uma categoria que está sujeita a inseguranças e ainda é vista como uma peça dispensável dentro das equipes de jornalismo, uma vez que tem se fortalecido um “senso, até entre os editores de notícias, que qualquer um pode tirar fotos de notícias” (Mortensen e Gade, 2018, p. 2).

Com relação à polícia, esta foi mencionada como um entrave à cobertura fotográfica porque, além de controlar o acesso ao espaço a ser fotografado, os agentes de segurança buscam controlar a forma como são representados nos jornais. Um fotojornalista diz que, mesmo sendo cuidadoso ao retratar agentes da polícia, esperando “a pessoa ficar de costas” (FJ3), já foi repreendido e procura se afastar dos policiais. FJ2 afirma que também “tem essa política de fotografar [policiais] de costas [...] menos os delegados” (FJ2). Segundo FJ3, “o delegado quer aparecer, quer resolver o caso [...] o cara cresce resolvendo os casos, aparecendo na mídia”. As declarações mostram que os profissionais desenvolvem conhecimento acerca dos policiais com quem interagem e aprendem a fotografá-los de forma a construir uma relação proveitosa para ambos. Como resultado, enquanto grande parte das imagens de crime mostra policiais de costas, aquelas que mostram delegados, os apresentam de frente para o espectador, atuando como os responsáveis pela solução dos casos. A delegada Jane Klébia (Figura 1) foi eleita deputada distrital pelo partido político de centro Agir, nas eleições de 2022, alguns meses após a realização das entrevistas.

**Figura 1:** Delegada Jane Klébia aparece como protagonista do evento, consolando familiares da vítima.



Foto: Igo Estrela. Fonte: *Metrópoles*, 2019.

A relação com os policiais militares se mostrou mais flexível do que com a polícia civil, uma vez que oferecem uma abertura para negociações de acesso. FJ3 relata um caso em que conseguiu acesso exclusivo ao oferecer “a foto do policial [que fazia a segurança do local], meio bombado, com um fuzil”, ganhando a simpatia do profissional. O episódio demonstra a experiência do profissional em obter vantagens através de uma aproximação amistosa com aqueles que controlam acessos, tanto a locais como a informações – situação similar à encontrada por Reis e Pereira (2020) ao analisarem a cobertura do fotojornalismo político. Existem momentos, porém, que os entrevistados percebem um bloqueio intransponível por parte da corporação, como relata FJ2, “aí são momentos realmente de muito estresse, é sempre [a polícia] tentando colocar a gente pra trás, bate-boca...”. Segundo Somerstein (2018), esses episódios não representados passam a não fazer parte do imaginário da maioria das pessoas, e o silêncio relativo aos acontecimentos não fotografados, molda a percepção de realidade compartilhada pelos leitores de jornais. Por último, a relação dos fotojornalistas com a população em locais de crime se mostrou pouco conflituosa, momento em que ambos parecem se posicionar de um mesmo lado, como espectadores do evento.

Embora não houvesse intenção de explorar a gestão de interações relacionadas ao gênero dos profissionais, o tema surgiu no discurso de alguns entrevistados. Ambos os campos investigados neste estudo possuem uma representação majoritariamente masculina. Segundo relatório técnico da *World Press Photo* (2021), o número de inscrições de mulheres no concurso vem aumentando, mas representa ainda apenas 19% do total. As forças policiais também vêm admitindo cada vez mais mulheres em seus quadros. No entanto, segundo Cappelle e Mello (2010), as policiais ainda enfrentam uma série de obstáculos de inserção e socialização nas corporações, principalmente com relação às funções mais operacionais, como é o caso da Morte Violenta. Nesse contexto, falas trazidas por homens durante as entrevistas se tornam relevantes ao apontar um desconforto com a presença feminina em ambos os meios. Acerca do trabalho em perícias externas, um perito questiona se, em caso de necessidade, “uma mulher vai às vias de fato? É uma questão de força física” responde, e completa, “É complicado. Não por ser mulher, mas pela diferença de porte físico” (PC3). Já o fotojornalista se diz hesitante com a presença de policiais mulheres em locais de crime, pois afirma que “mulher não gosta de sair [na foto], mulher fica mais brava” (FJ3). O profissional também apresentou ressalvas com relação à nova geração de repórteres e se refere às mulheres ao dizer que “tem uma ou outra que se destaca” (FJ3) apenas.

---

## REPRESENTAÇÕES DE CRIME

---

Como argumentam Pereira e Neves (2020), “a memória de cada indivíduo está estritamente relacionada a seus grupos participativos, à sua profissão” (p. 45), e nesse sentido, a apresentação de fotografias ao final das entrevistas, funcionou como uma forma de confrontar um discurso de categoria e resgatar informações que levassem os profissionais para o momento do ato fotográfico. Nessa etapa, os entrevistados opinaram sobre as produções de seus pares e também sobre as produções do outro grupo. Os peritos criminais avaliaram as fotografias forenses apresentadas como bastante adequadas, enquanto os fotojornalistas procuraram justificar as escolhas feitas por seus pares.

Entre duas fotografias de um mesmo matagal, uma usada em um laudo e outra em um jornal (Figura 2), os fotojornalistas rapidamente reconheceram a fotografia forense: “Esse aqui com certeza não é de jornal. Por causa do flash estourado na frente”, avalia FJ2. Os fotojornalistas afirmaram que as imagens forenses apresentadas serviam a um outro propósito, não acessível a eles, comentando “essa foto não tem informação”, “essa foto não diz nada” (FJ1), ou “essa metodologia da perícia [para entender a foto], eu não tenho” (FJ2). Já os peritos criminais, não souberam diferenciar as duas fotografias, mas classificaram as representações do fotojornalismo em geral, como feitas para emocionar o espectador, sem grande valor pericial, embora não descartem a utilidade das imagens, ao acrescentar que “toda informação é importante” (PC3). Enquanto a fotografia forense pode ser vinculada ao propósito de mostrar excessivamente, através do excesso de luz ou de conteúdo nas imagens, o fotojornalista parece trabalhar com a seleção e interpretação da realidade para apresentá-la aos seus espectadores (Peixoto, 2020), expondo as duas formas particulares de lidar com o valor da objetividade em cada meio.

Embora ambos os grupos tenham se distanciado das produções um do outro, e os peritos entrevistados tenham condenado o vazamento de fotografias forenses à imprensa, algumas imagens aparentemente cedidas pela polícia, foram encontradas em reportagens de crimes, como no caso de um feminicídio ocorrido em um terreno baldio (Figura 3). O fotojornalista FJ3 lembrou desmotivado o surgimento de grupos de Whatsapp em que policiais passaram a compartilhar informações, e também fotografias, com profissionais da imprensa. Ao contrário da maior parte de seus pares, que segundo FJ3, consideram a nova forma de comunicação mais ágil e eficiente, o entrevistado enxerga os grupos como uma forma de substituir o trabalho dos fotojornalistas e torná-los descartáveis, contribuindo para a extinção da profissão. Em contrapartida, o discurso e as fotografias dos outros dois fotojornalistas entrevistados, FJ1 e FJ2, demonstram que

os profissionais se sentem menos ameaçados pelas fotografias amadoras, buscando se diferenciar desses registros através de valores compartilhados em seu meio. Os dois fotojornalistas, pertencentes a uma geração mais jovem que FJ3, se mostraram mais adaptáveis aos desafios que vêm sendo impostos à profissão, principalmente com relação à grande disponibilidade de imagens.

Abaixo, as Figuras 2 e 3 se referem ao feminicídio de uma mulher de 50 anos, cujo corpo foi encontrado em um matagal, dois dias após o registro do seu desaparecimento. Ambas as imagens foram publicadas na mesma reportagem que noticiou o crime, a primeira de autoria de uma fotojornalista (Figura 2) e a segunda sendo a reprodução de uma fotografia aparentemente cedida pela polícia (Figura 3). As Figuras 4 a 6 ilustram a notícia de um feminicídio ocorrido no interior da residência em que o casal envolvido no crime morava. Após assassinar a companheira, o agressor escondeu o corpo da vítima em um bueiro, interrompendo o abastecimento de água da região, dias após o crime, quando foi descoberto já em avançado estado de decomposição. A Figura 4 foi publicada na primeira notícia do acontecimento e parece ter sido cedida pela polícia, servindo apenas para ilustrar o caso. As Figuras 5 e 6 são fotografias realizadas por um fotojornalista, três dias após a descoberta do corpo, quando foi enviado ao local para produzir fotos do evento, mas encontrou a casa vazia e nenhum indício do que havia acontecido. As imagens apresentam características como captura em plano *contra-plongée* e distorções de perspectiva, mostrando que o profissional foi capaz de “adicionar apelo gráfico a uma fotografia sem realmente mudar o conteúdo do que está sendo enquadrado” (Kobré, 1999).

**Figura 4:** Fotografia do interior de residência onde ocorreu crime de feminicídio.

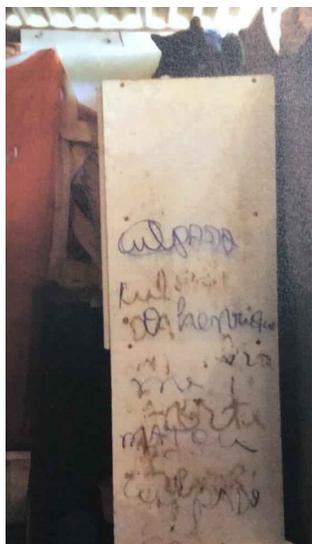


Foto: Reprodução. Fonte: *Metrópoles*, 2019.

**Figura 2:** Fotografia de trilha em meio ao matagal em que o corpo da vítima foi encontrado.

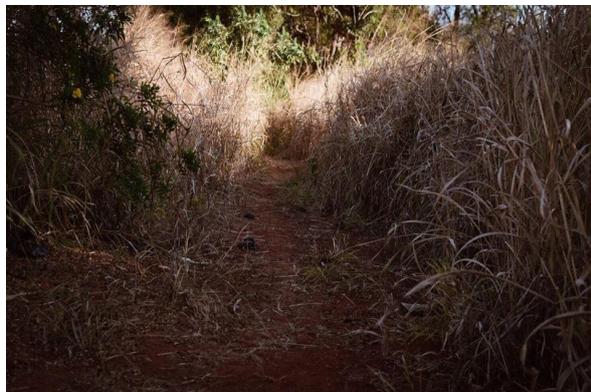


Foto: Allane Moraes. Fonte: *Metrópoles*, 2019.

**Figura 3:** Imagem utilizada para ilustrar a notícia de um feminicídio.



Foto: Reprodução. Fonte: *Metrópoles*, 2019.

**Figura 5:** Fotografia construída com bastante distorção e perspectiva baixa. Foto: JP Rodrigues.



Fonte: *Metrópoles*, 2019.

**Figura 6:** Fotografia com pequena profundidade de campo, atraindo a atenção do espectador.



Foto: JP Rodrigues. Fonte: *Metrópoles*, 2019.

## DISCUSSÕES

Como forma de comparar os dados levantados, os tópicos explorados nas entrevistas foram dispostos resumidamente por grupo profissional (Quadro 3).

As categorias apresentadas na tabela serão deliberadas a seguir, correlacionando os achados às formas

de agir de cada grupo de entrevistados, com o objetivo de perceber parte de suas identidades profissionais.

### Carreiras e vínculo com a profissão

Salário e vínculo empregatício foram as motivações citadas pelos entrevistados para ingressar na carreira de perícia criminal, embora tenham demonstrado possuir resistência física e emocional, além de uma predisposição ao perigo e um gosto pela aventura, o que permite entender as motivações iniciais declaradas como aquelas que mais fazem sentido aos entrevistados, no momento atual de suas carreiras e vida familiar. Em contrapartida, os fotojornalistas relataram possuir uma grande identificação com a fotografia, que norteou suas escolhas profissionais pelo fotojornalismo, posicionando, ao contrário do outro grupo, o sentimento como o principal motivo de adesão à carreira. Os discursos de ambas as categorias se alinham aos valores compartilhados em cada meio, a racionalidade científica no primeiro e a emoção no segundo, uma vez que “o jornalismo é frequentemente apresentado como uma profissão de paixão” (Ruellan, 2018, p. 18).

Com relação à socialização, os peritos criminais relataram um período inicial de imersão, quando atuaram em meio a seus pares e aprenderam a socializar na profissão sob supervisão constante, enquanto os foto-

**Quadro 3:** Análise comparativa dos dados obtidos para as duas categorias

Categoria		Perito	Fotojornalista
Carreiras e vínculo com a profissão	Motivação de ingresso na carreira	estabilidade / salário	fotografia / graduação
	Socialização à profissão	imersão na rotina como observador / quesitos dos laudos	universidade / contato com pares / troca de opiniões
	Manifestação de um gosto pela prática	serviço público / investigação científica	prazer / pertencimento / visão de mundo
Cotidiano da prática profissional	Rotina	plantões de 12h / exame de local / produção de laudos	expediente de 7h às 15h / cobertura de pautas definidas
	Autonomia negociada/percebida	pouco flexível	bastante flexível
	Sistema de convenções (tipos de fotos realizadas)	assuntos isolados e ordenados, excesso de iluminação. Aceita edições	construção de histórias, ausência de interferência. Sem edição
Gestão das interações	Seções internas	obediência e independência	submissão
	Na cena do crime	individualista com pares Autoritária com população e imprensa	Parceria com pares Passivo com população Conflituosa com a polícia
Representações da prática do outro		sensacionalista / sentimental / artístico	técnico / incompreensível / sem informação

jornalistas descreveram um contato inicial com a profissão de forma mais independente. A diferença pode ser verificada na forma de agir e na produção de ambos os meios, em que os peritos apresentaram falas e produções semelhantes aos seus pares, enquanto os fotojornalistas reforçaram a liberdade de atuação de cada profissional, mesmo que estejam todos submetidos a uma mesma conduta ética.

### Cotidiano da prática profissional

Ao contrário do esperado, a rotina dos peritos lotados na MV se apresentou mais dinâmica e estressante, enquanto os fotojornalistas descreveram um expediente diário mais tranquilo de produção. Embora o segundo grupo tenha apresentado relatos de agressões nas ruas e seja submetido a demandas trabalhosas, ou que não desejam cumprir, relataram uma grande união com seus pares, que os protege e os auxilia no sentido de blindar as demandas superiores. Já o grupo dos peritos criminais demonstrou obediência às determinações superiores e não apresentou união entre seus pares para agir em sentido contrário. Comparativamente, os peritos criminais se mostraram menos autônomos que os fotojornalistas, que trabalham geralmente sozinhos, e “tendem a definir seus próprios padrões, de acordo com as necessidades das suas salas de redação” (Láb e Stefaniková, 2018, p. 13).

A prática fotográfica na perícia criminal demonstrou envolver comportamentos fixos de atuação, em que o perito parece dispor a cena de um crime em enquadramentos isolados e organizados, pedindo que as pessoas se afastem e posicionando os objetos em conjunto, para registrá-los em seguida. Os fotojornalistas, em contrapartida, afirmaram não interferir nos assuntos fotografados, atuando apenas como observadores, embora escolham ângulos de registro que direcionem à percepção de uma história ou instiguem o espectador. Com relação à edição de imagens, os peritos se posicionaram mais abertos a fazê-las do que os fotojornalistas, que afirmam que a edição deve ser feita durante o ato fotográfico, através de escolhas de equipamento e seleção dos melhores enquadramentos. As falas revelam como cada categoria reivindica a objetividade em suas imagens. O perito criminal age ativamente sobre a cena, se aproximando de uma construção de credibilidade utilizada em tribunais ainda no século XX, em que o perito era o responsável pela aceitação das imagens na corte, adquirindo “um papel crucial como evidência no sistema legal” (Carter, 2010, p. 24). Já no fotojornalismo, a objetividade parece ser reivindicada através de práticas e conhecimentos compartilhados no meio, que moldam o comportamento ético de seus participantes, e tornam a subjetividade, “mesclada ao conhecimento de produção e rituais que determinam as práticas” (Maenpaa, 2013), uma característica chave de suas identidades.

### Gestão das interações

Em ambos os meios profissionais, as interações com os profissionais das seções internas não apresentaram conflitos, porém, os entrevistados demonstraram sentir que contribuem mais para a produção de trabalho, ao se expor às condições de um trabalho externo enquanto os outros atuam em condições de pouco estresse e maior conforto. Tendo em vista que os entrevistados demonstraram interesse em atuar no trabalho de rua, os comentários que ressaltam as partes mais desgastantes de suas rotinas, em relação a outros atores das suas cadeias de produção, foram entendidos como uma forma desses profissionais reivindicarem valor às suas atuações, que podem ser vistas como menores por não envolverem análises complexas, desenvolvidas em uma redação ou em um laboratório.

Com relação aos seus pares, os fotojornalistas relataram uma maior conexão afetiva entre si do que os peritos criminais, que não mencionaram profissionais específicos que admiram ou com quem tenham desenvolvido uma relação mais próxima. No entanto, esses últimos demonstraram respeito pelo trabalho da categoria como um todo, enquanto os fotojornalistas criticaram, por vezes, a atitude e o trabalho de seus pares. A ausência de qualquer crítica a colegas e superiores, pelos fotógrafos forenses entrevistados, também pode ser compreendida a partir de um meio cujo código de ética dispõe que lhes é vedado “opinar publicamente, inclusive por meio de redes sociais, de forma depreciativa ou desabonadora, a respeito da honorabilidade e do desempenho funcional de outro servidor, ou de ação ou decisão da administração” (Portaria nº 2021, p. 6). No local de crimes, a equipe de perícia foi posicionada como autoritária no discurso de ambos os grupos, impondo um distanciamento com a população e a imprensa, consideradas possíveis fontes de ameaça ao seu trabalho. Os fotojornalistas e a equipe de perícia, portanto, afirmaram desenvolver frequentemente uma relação conflituosa entre si.

### Representações da prática do outro

Ao serem apresentados às fotografias do fotojornalismo, os peritos criminais responderam inicialmente as classificando como sensacionalistas, para depois dizer que continham muitos sentimentos. Já os fotojornalistas comentaram que não têm o conhecimento técnico para entender as fotografias forenses apresentadas e que, para eles, elas não possuem informação alguma. Percebe-se uma tentativa, em ambos os grupos, de se distanciar da produção do outro meio, como se possuíssem realmente visões distintas dos acontecimentos. No entanto, o distanciamento pode ser visto como uma possibilidade de diferenciação do seu produto, agregando valor ao conhecimento especializado da categoria a que pertencem. O primeiro grupo, no

entanto, apresentou leituras muito alinhadas entre seus pares, o que pode ser reflexo da intensa socialização a que são submetidos, enquanto os fotojornalistas atuam de forma mais autônoma e percebem margem para experimentação e inovação.

---

## CONCLUSÃO

---

Com base em entrevistas em profundidade, este artigo buscou responder às perguntas de pesquisa propostas no início do estudo acerca das convenções e identidades profissionais de fotojornalistas e fotógrafos forenses do Distrito Federal, capital do Brasil. A coleta de dados esteve voltada para perceber como os entrevistados atribuem sentido às suas escolhas profissionais, às suas produções, à função que desempenham na cobertura fotográfica de local de crime e às interações que desenvolvem com outros atores.

Os dois grupos divergiram com relação à motivação inicial de ingresso na carreira, uma vez que os fotógrafos forenses apontaram questões financeiras e de estabilidade para a escolha do cargo, enquanto os fotojornalistas demonstraram que o gosto pela fotografia pautou suas escolhas profissionais. Os primeiros são socializados no cargo através de um contato inicial supervisionado por pares mais experientes e ficam submetidos a um regime hierárquico em que percebem pouca liberdade para agir fora do que lhes é demandado, demonstrando insatisfação com o desempenho das atividades e com a falta de autonomia que possuem. Em lado oposto, os fotojornalistas são socializados na profissão de forma mais abrupta, sem supervisão, e desenvolvem grande flexibilidade para lidar com as injunções superiores, percebendo espaço para inovar e trazer mudanças ao meio.

No fotojornalismo, os valores do meio são fiscalizados através das formas de agir de seus participantes, que reprovam o comportamento inadequado de seus pares. Ao contrário da perícia criminal, que apresentou fotografias e expressões muito similares, no fotojornalismo, a diversidade de representações revelou que a subjetividade do fotojornalista possui papel fundamental na produção de fotografias. O profissional, portanto, absorve valores ideais da profissão em suas práticas, e fica responsável pela interpretação do evento e seleção dos melhores enquadramentos para contar uma história aos espectadores. Nesse contexto, o valor da objetividade aparece na fotografia forense através de imagens que mostram explicitamente, enquanto, no fotojornalismo, esse valor é reivindicado através de uma avaliação pessoal e seleção de conteúdo relevante.

Ambos os achados acerca dos fotojornalistas, o gosto pela prática fotográfica e a subjetividade como característica central em suas produções, levam à per-

cepção de uma identidade profissional que se mistura com a vida pessoal dos informantes, o que não foi verificado no grupo de peritos criminais. Enquanto o segundo grupo buscou se distanciar das funções que exercem no cargo de perícia, atribuindo ao trabalho uma função basicamente de sustento, os fotojornalistas demonstraram assimilar as ideologias da profissão em uma esfera mais pessoal, afetando a percepção que têm de mundo e deixando que as opiniões pessoais pautem suas produções profissionais.

Uma vez que as crenças dos fotojornalistas refletem diretamente nas fotografias que realizam e suas atividades de lazer acabam por produzir conteúdo gratuito para os jornais em que trabalham, esses profissionais frequentemente se veem como atuantes no cargo 24h por dia. No entanto, embora a categoria esteja mais vulnerável à precarização do trabalho do que os peritos criminais, que ocupam um cargo público estável, os fotojornalistas apresentaram maior capacidade de lidar com as fontes de estresse laboral, o que lhes permite ter uma rotina relativamente tranquila de produção. Em contrapartida, os peritos relataram casos recorrentes de adoecimento em decorrência do estresse físico e emocional de suas funções.

Por fim, o estudo foi capaz de perceber como dois grupos de profissionais são impactados de forma diversa em suas rotinas de registro fotográfico de cenas de crime. A análise de entrevistas e a comparação entre dois meios de produção foi uma metodologia eficiente para a apreensão de características identitárias em um contexto local, abrindo a possibilidade para se ampliar sua aplicação a uma investigação de contextos com diferentes culturas e formações.

---

*Data de submissão: 23 de janeiro de 2024*

*Data de aceite: 25 de fevereiro de 2025*

---

## NOTES

<sup>1</sup> O ingresso no cargo de perito criminal da PCDF se dá mediante concurso público realizado em diversas etapas, incluindo prova escrita, prova física, avaliação médica e psicológica, curso de formação e prova de tiro.

## REFERÊNCIAS

- Bechky, B. (2021). *Blood, powder and residue: how crime labs translate evidence into proof*. Princeton University Press.
- Becker, H. S. (2008). *Segredos e truques da escrita*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Becker, H. S. (2009). *Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Belei, R., Gimenez-Paschoal, S., Nascimento, E., & Matsumoto, P. (2008). O uso de entrevista, observação e vídeo-gravação em pesquisa qualitativa. *Cadernos de Educação. Pelotas* [30], pp. 187-199. <https://doi.org/10.15210/caduc.v0i30.1770>
- Boni, V., & Quaresma, S. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em Tese - Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Vol 2, n° 1 (3), pp. 68-80. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>.
- Broustau, N., Jeanne-Perrier, V., Le Cam, F., & Pereira, F. (2012). A entrevista de pesquisa com jornalistas. *Sur le journalism, About journalism, Sobre jornalismo*. Vol 1, n°1, pp. 14-21. <https://doi.org/10.25200/SLJ.v1.n1.2012.16>
- Cappelle, M. C., & Melo, M. C. (2010). Mulheres policiais, relações de poder e de gênero na polícia militar de Minas Gerais. *Revista de Administração Mackenzie*, vol. 11, n° 3, pp. 71-99. <https://doi.org/10.1590/S1678-69712010000300006>
- Carter, R. (2010). "Ocular Proof": Photographs as Legal Evidence. *Archivaria*, vol. 69, pp. 23-47. <https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/13260/14571>
- Cole, S. (2013). Forensic culture as epistemic culture: The sociology of forensic science. *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, vol. 44, pp. 36-46. <http://dx.doi.org/10.1016/j.shpsc.2012.09.003>
- Portaria nº 161/2021 da Polícia Civil do Distrito Federal. (2021). Diário Oficial [do Distrito Federal]: seção 1, n° 187. [https://www.dodf.df.gov.br/dodf/jornal/pastas?pasta=2021/09\\_Setembro/21%2009%202021](https://www.dodf.df.gov.br/dodf/jornal/pastas?pasta=2021/09_Setembro/21%2009%202021)
- Deuze, M. (2005). What Is Journalism? Professional Identity and Ideology of Journalists Reconsidered. *Journalism* 6(4), pp. 442-464. <https://doi.org/10.1177/1464884905056815>
- Dubois, P. (2003). *O Ato Fotográfico*. 7ª Ed. Campinas: Papirus Editora.
- Freese, J., & Peterson, D. (2015). The Emergence of Forensic Objectivity. *Working Paper Series* WP 15-10, pp. 1-48.
- Fontcuberta, J. (2011). *Por un manifiesto posfotográfico*. La Vanguardia. <https://www.lavanguardia.com/cultura/20110511/54152218372/por-un-manifiesto-posfotografico.html>
- Gianelli, P. (2012). The 2009 NAS Forensic Science Repor ensic Science Report: A Liter t: A Literature Review. *Faculty Publications*, 99. [https://scholarlycommons.law.case.edu/faculty\\_publications/99](https://scholarlycommons.law.case.edu/faculty_publications/99)
- Hennion, A. (2004). The Pragmatics of Taste. *The Blackwell Companion to the Sociology of Culture*, Oxford, Blackwell, pp. 131-144. <https://doi.org/10.1002/9780470996744.ch9>
- Jaguaribe, B. (2007). *O Choque do real: estética, mídia e cultura*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Kobré, K. (1999). Positive/Negative: Editing for intimacy. *Visual Communication Quaterly*, v. 6 (2), p. 18-19. DOI: <https://doi.org/10.1080/15551399909363406b>
- Láb, F., & Stefaniková, S. (2017). Photojournalism in Central Europe: Editorial and Working Practices. *Nordicom Review*, vol. 38, Special Issue 2, pp. 7-23. <https://doi.org/10.1515/nor-2017-0411>
- Le Cam, F., & Pereira, F. (2022). *Um jornalista on-line mundializado: Sócio-História Comparativa*. 1ª Ed. Florianópolis, SC: Editora Insular.
- Lough, K., & Mortensen, T. (2022). Routine and Individual-Level Influences on Newspaper Front-Page Images: Wire Photographs, Staff Photojournalism, Race and Gender. *Journalism Practices*. <https://doi.org/10.1080/17512786.2022.2033635>
- Mäenpää, J. (2013). Photojournalism and the notion of objectivity - The particularity of photography and its relationship with truthfulness. In T. I. Tomani (Ed.), *Past, Future and change: Contemporary analysis of evolving media scapes* (pp. 123-134). (The researching and teaching communication series). Faculty of social sciences: University of Ljubljana Press. <http://www.researchingcommunication.eu/SUSObook201213.pdf>
- Mortensen, T., & Gade, P. (2018). Does Photojournalism Matter? News Image Content and Presentation in the Middletown (NY) Times Herald-Record Before and After Layoffs of the Photojournalism Staff. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, vol. 95 (4), pp. 990-1010. <https://doi.org/10.1177/1077699018760771>
- Nilsson, M. (2017). A Faster Kind of Photojournalism? Image-Selection Processes in a Swedish Newsroom. *Nordicom Review*, vol. 38, Special Issue 2, pp. 41-56. <https://doi.org/10.1515/nor-2017-0413>
- Peixoto, J. (2020). Experiências inovadoras no fotojornalismo contemporâneo: o caso Innovative Storytelling do World Press Photo Digital Storytelling Contest. *Intercom - Revista Brasileira De Ciências Da Comunicação*, 43(2). <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/3186/2431>
- Pereira, F., & Neves, L. (2013). A entrevista de pesquisa com jornalistas: algumas estratégias metodológicas. *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, n° 29, pp. 41-57. <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/41898>
- Reis, L., & Pereira, F. (2020). O fotojornalista no ato social de produção de notícias. *Iluminuras*, vol. 21 (52). <https://doi.org/10.22456/1984-1191.100523>
- Ruellan, D. (2017). Um ser profissional ou como percebê-lo. *Brazilian Journalism Research*, SBPJor, vol. 13, n° 1, pp. 6-19. <https://doi.org/10.25200/BJR.v13n1.2017.978>
- Somerstein, R. (2018). 'Stay back for your own safety': News photographers, interference, and the photographs they are prevented from taking. *Journalism*, vol. 21(6), pp. 746-765. <https://doi.org/10.1177/1464884918789227>
- World Press Photo. (2021). *Technical Report: 2021 Photo Contest*. World Press Photo Foundation, [https://www.worldpressphoto.org/getmedia/e7fa72e1-0236-4d45-ba38-3ff3fdd7b9ef/WPPH2021\\_Technical\\_Report.pdf](https://www.worldpressphoto.org/getmedia/e7fa72e1-0236-4d45-ba38-3ff3fdd7b9ef/WPPH2021_Technical_Report.pdf)



---

## RESUMO | RESUMÉ | ABSTRACT | RESUMEN

---

**Fotojornalismo e perícia criminal: As identidades na produção de fotografias de cena de crime**

**Photojournalisme et criminalistique: Identités dans la production de photographies de scènes de crime**

**Photojournalism and criminalistics: Identities in the production of crime scene photographs**

**Fotoperiodismo y criminalística: Identidades en la producción de fotografías de la escena del crimen**

**Pt.** A identidade de dois grupos profissionais é abordada neste estudo através da relação que desenvolvem com o registro fotográfico de cenas de crime, onde produzem representações diversas de um mesmo evento, a partir de práticas, públicos e objetivos particulares ao espaço em que estão inseridos. Utilizando entrevistas em profundidade com três fotojornalistas e três peritos criminais do Distrito Federal (Brasil), buscou-se compreender, em uma análise comparativa, as motivações e escolhas pessoais que os levaram ao ingresso e permanência em suas carreiras. Também são investigadas as formas de socialização a que foram submetidos os entrevistados para se tornarem participantes dos seus meios profissionais, assim como as margens percebidas para improvisação e inovação de suas formas de agir dentro de seus grupos. Através das fotografias de cena de crime que produzem, a objetividade foi reivindicada como um valor comum à ideologia de ambos os meios. No entanto, enquanto na fotografia forense, esta foi identificada em um excesso de conteúdo e de exposição, no fotojornalismo, o valor foi percebido em uma capacidade de interpretação e resumo dos fatos ao seu público. A relação com o tempo foi investigada através dos discursos dos fotojornalistas, como forma de entender a proximidade entre trabalho e vida pessoal que possuem com a profissão, além das pressões e o ritmo de produção desses profissionais, que estão mais vulneráveis em um contexto de precarização do trabalho. A análise da gestão de interações, possibilitou perceber como os profissionais se posicionam e lidam com as injunções impostas pelos outros atores envolvidos em suas rotinas de atuação. Um último tópico relacionado a questões de gênero foi levantado a partir dos discursos coletados, que indicaram um desconforto com a presença feminina nas duas carreiras. Por fim, o estudo foi capaz de acessar particularidades das identidades profissionais da perícia criminal e do fotojornalismo no Brasil.

**Palavras-chave:** identidade profissional; carreiras ; fotojornalismo; fotografia forense; entrevista em profundidade.

**Fr.** Cette étude aborde l'identité de deux groupes professionnels au travers de leur rapport à l'enregistrement photographique des scènes de crime, où ils produisent des représentations différentes du même événement, en fonction des pratiques, des publics et des objectifs propres à la sphère dans laquelle ils s'insèrent. Sur la base d'entretiens approfondis avec trois photojournalistes et trois criminalistes du District fédéral (Brésil), j'ai cherché à comprendre, par une analyse comparative, les motivations et les choix personnels qui les ont conduits à exercer ces métiers et à poursuivre leur carrière. Je me suis aussi intéressée aux formes de socialisation auxquelles ils ont été soumis pour s'insérer dans leurs milieux professionnels, ainsi qu'aux marges d'improvisation et d'innovation qu'ils perçoivent dans leurs manières d'agir au sein de leurs groupes. Dans les photographies de scènes de crime produites, l'objectivité a été revendiquée comme une valeur commune aux deux professions. Néanmoins, alors que pour les criminalistes, cette dernière était identifiée à une profusion de contenus et d'expositions, les photojournalistes la percevaient plutôt comme une capacité à interpréter et à résumer les faits à destination de leur public. Le rapport au temps a par ailleurs été étudié à travers les discours des photojournalistes, afin de mieux comprendre la proximité établie entre leur travail et leur vie personnelle, mais aussi les pressions subies et le rythme de production de ces professionnels, devenus plus vulnérables dans un contexte de précarisation de l'emploi. L'analyse de la gestion des interactions a permis de saisir comment ces derniers se positionnent et gèrent les injonctions émanant des autres acteurs

impliqués dans leurs routines de travail. Les discours recueillis ont aussi conduit à soulever les questions de genre et révélé un certain inconfort face à la présence de femmes dans ces deux professions. Enfin, l'étude a permis de dégager certaines spécificités des identités professionnelles de la criminalistique et du photojournalisme au Brésil.

**Mots-clés :** identité professionnelle, carrières, photojournalisme, photographie criminalistique, entretien approfondi.

**En.** This study addresses the identity of two professional groups through their relationship to the photographic recording of crime scenes, where they produce different representations of the same event, depending on the practices, audiences and objectives specific to the sphere in which they operate. On the basis of in-depth interviews with three photojournalists and three criminal experts from Brazil's Federal District, we sought to understand, through a comparative analysis, the motivations and personal choices that led them to pursue these professions and to continue their careers. The forms of socialisation to which the interviewees were subjected in order to become participants in their professional circles were also investigated, as was the perceived scope for improvisation and innovation in their ways of acting within their groups. In the crime scene photographs produced, objectivity was claimed as a value common to both professions. However, while in forensic photography, this was identified through an excess of content and exposure, in photojournalism, the value was perceived through the ability to interpret and summarise the facts for their audience. The relationship with time was also studied through the discourse of photojournalists, in order to better understand the complexity of their work-life balance, as well as the pressures and the pace of production expected of these professionals, who have become more vulnerable in a context of job insecurity. The analysis of the management of interactions made it possible to understand how they position themselves and manage the demands from the other actors involved in their work routines. The collected discourses also raised gender issues and revealed a certain discomfort with the presence of women in these two professions. Finally, the study was able to access certain specificities of the professional identities of those working in criminal investigation and photojournalism in Brazil.

**Keywords:** professional identity; careers; photojournalism; crime photography; in-depth interview.

**Es.** Este estudio, la identidad de dos grupos profesionales se aborda a través de la relación que desarrollan con el registro fotográfico de escenas del crimen, donde producen diferentes representaciones de un mismo hecho, a partir de prácticas, públicos y objetivos particulares del espacio en el que se insertan. Mediante entrevistas en profundidad con tres fotoperiodistas y tres peritos judiciales del Distrito Federal (Brasil), se busca comprender, a través de un análisis comparativo, las motivaciones y elecciones personales que los llevaron a ingresar y permanecer en sus carreras. También se investigan las formas de socialización a las que se sometieron los entrevistados para llegar a ser partícipes de sus círculos profesionales, así como el margen de improvisación e innovación que perciben en sus formas de actuar dentro de sus grupos. Por medio de las fotografías de la escena del crimen que producen, se reivindicó la objetividad como valor común a la ideología de ambos medios. Sin embargo, mientras que en la fotografía forense esta se identificaba en un exceso de contenido y exposición, en el fotoperiodismo el valor se percibía en la capacidad de interpretar y resumir los hechos para su público. La relación con el tiempo se investigó mediante los discursos de los fotoperiodistas, como forma de entender la proximidad entre el trabajo y la vida personal que tienen con la profesión, así como las presiones y el ritmo de producción de estos profesionales, que se ven más vulnerables en un contexto de precarización del trabajo. El análisis de la gestión de interacciones permitió ver cómo los profesionales se posicionan y afrontan los mandatos impuestos por los demás actores implicados en sus rutinas de actuación. Un último tema relacionado con las cuestiones de género surgió de los discursos recogidos, que indicaban un malestar con la presencia de mujeres en ambas carreras. Finalmente, el estudio pudo acceder a particularidades de las identidades profesionales de la pericia judicial y del fotoperiodismo en Brasil.

**Palabras clave:** identidad profesional; carreras; fotoperiodismo; fotografía forense; entrevista en profundidad.